

Comunicação/Comunicação Digital — uma análise relacionada ao *estar juntos* no mundo contemporâneo

Lucilene Cury

Doutora; Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil
lucilene@usp.br

Sandra Pereira Falcão

Doutoranda; Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil
sandrapfalcao@hotmail.com

Resumo

O artigo discute interfaces do pensar comunicativo em torno do duplo eixo Comunicação-Comunicação Digital. O arcabouço teórico a respaldar a trajetória reflexiva enseja análise de implicações relacionadas à ideia do *estar juntos* no mundo contemporâneo, tais como o uso intensivo das tecnologias digitais, a problemática do receptor, a questão da alteridade no ecossistema comunicativo e o papel da universidade nesse contexto. Os aspectos conclusivos apontam para a atenção necessária aos fatores limitantes do processo comunicacional “moderno”, ao qual se agrega a pressão ininterrupta de interfaces digitais cada vez mais rápidas que, entretanto, não se mostram inteiramente capazes de impedir a incomunicação do indivíduo multiconectado.

Palavras-chave

Comunicação digital. Alteridade. Multiconexão. Incomunicação. Universidade.

1 Introdução

Este trabalho surge como uma necessidade de refletir sobre o processo de comunicação na sociedade atual, quando os conceitos de *comunicação*, *comunicação digital* e, mais recentemente, o de *comunicação virtual* são tratados de forma similar, ainda que sobre isso parem muitas dúvidas e contradições. Cabe perguntar, entre outras indagações: de que

comunicação se trata? Que conceito é esse - *comunicação digital* - de dimensão tão elástica em que tudo cabe: a conectividade, a interatividade e a ligação entre todos?

A proposta, portanto, é a de questionar se, com diferentes opções de compreensão do corolário relacionado aos conceitos ora aventados, é possível pensar o processo comunicativo no seu sentido mais autêntico, o do encontro entre as pessoas, entre os públicos receptores, entre os sujeitos envolvidos na rede propiciada, sobretudo, pela internet. Trata-se de refletir sobre o encontro dialógico, como proposto por Martín Buber, em toda a sua obra e, especificamente, no livro *Yo – Tú* (1969) — cujo paralelo encontra-se em Edgar Morin (2005), quando sublinha a importância de uma Ética da Compreensão (para ficarmos em apenas dois autores bastante representativos).

No cenário em questão, as tecnologias digitais impõem-se como elemento decisivo nas novas modalidades do processo de comunicação, permeado por diferentes combinações da relação homem-máquina-homem. E esse fator deve ser devidamente considerado, a fim de que o tema — comunicação/comunicação digital (ou virtual) – possa ser mais bem estudado, tanto no sentido de ampliar a compreensão desses diferentes conceitos, como no sentido de propor a análise do processo de comunicação enquanto uma nova modalidade do *estar juntos* nestes tempos cibernéticos.

Importa também, nessa reflexão, pensar o papel da universidade em relação ao problema da comunicação X conexão — já apresentado em estudos anteriores (CURY; AZAMBUJA; FELÍCIO, 2015) e, mais ainda, ponderar as consequências desse impasse no interior da academia. Cabe ênfase à necessidade de que sua atuação esteja atenta ao que dela se espera, no contexto do mundo digital e para além dele, vislumbrando a vida dos sujeitos na sociedade do conhecimento, para que ela possa vir a ser *de conhecimento*, efetivamente.

Assim, o trabalho está estruturado de modo a apresentar o acima exposto: a comunicação inserida no cenário do mundo digital; o lugar do sujeito no contexto da sociedade da informação; e o papel da universidade para a elucidação da problemática abordada, bem como a necessidade de que a ação acadêmica, em tal âmbito, seja desenvolvida para muito além da técnica e da tecnologia.

Por fim, alinhadas às ponderações de autores representativos na abordagem da questão proposta, tais como Dominique Wolton (2003, 2004, 2006) e Alain Touraine (2009), dentre outros já citados e os que em breve acionaremos, são tecidas algumas considerações que objetivam alicerçar o estudo pretendido e, ao mesmo tempo, estimular seus desdobramentos.

2 A Comunicação no mundo digital

Sobre a comunicação como proposta de diálogo entre sujeitos — isto é, entre todos os sujeitos que integram a atual sociedade da informação —, o que pode ser apresentado aqui é que pouco se verifica nesse sentido, uma vez que as práticas comunicacionais têm sido substituídas por acúmulo de informações, em velocidade cada vez mais aumentada, a fim de que sejam compatíveis com o tempo/espaço virtual¹. Ou seja, o que se verifica, de maneira enfática, é a transmissão de mensagens de um para outro, ou para todos, com poucas palavras, em espaço e tempo reais limitados, mas perfeitamente compatíveis com o ciberespaço e a realidade virtual.

Com essa evidência, não se pretende desqualificar o processo de comunicação dos dias atuais, mas refletir sobre ele, pois, sem esclarecimento de conceitos adequados para compreendê-lo em suas múltiplas faces, dificilmente o tema poderá avançar de maneira significativa do ponto de vista científico — quer se trate de cibercultura, estudo das mídias digitais, sociedade da informação/conhecimento, quer se trate de outros designativos relacionados à questão aqui abordada.

Os aspectos socioculturais e sociotécnicos que atravessam o processo comunicacional entre humanos, no âmbito do cenário digital, ensejam uma reflexão questionadora acerca do “comunicar” hoje, tempo no qual “[...] a comunicação entre dois sujeitos parece haver se tornado possível apenas quando entre eles interpõe-se algum tipo de equipamento localizado fora do conjunto perceptual de que são dotados.” (CITELLI, 2011, p. 190).

E não é da ênfase na técnica que se quer tratar aqui, pois não há temor em relação a ela, muito menos um descrédito sobre sua potencialidade, mas a percepção de que é preciso que a universidade enfrente esse problema diante dos novos sensórios comunicacionais (MARTÍN-BARBERO, 1996)² e que possa oferecer e discutir, de maneira mais ordenada e competente, as variadas acepções do termo comunicação — a fim de que os estudiosos do assunto caminhem no sentido de melhor construir a área, como é próprio da ciência.

¹ A respeito do acúmulo de informações e as patologias contemporâneas daí decorrentes, vale o resgate do artigo *A normose informacional*, publicado em 2000 por Pierre Weil (doutor em psicologia pela Universidade de Paris, educador e psicólogo francês residente no Brasil, falecido em outubro de 2008). Ver Weil (2000).

² Jesus Martín-Barbero, no texto publicado em 1996 na Revista *Nômadias* (intitulado *Heredando El futuro. Pensar la Educación desde la Comunicación*), afirma, respaldado em Walter Benjamin: “Mais que um conjunto de novos aparatos, de maravilhosas máquinas, a comunicação refere-se hoje a um novo sensorio (W. Benjamin): novas sensibilidades, outros modos de perceber, de sentir e relacionar-se com o tempo e o espaço, novas maneiras de reconhecer-se e de juntar-se.” (MARTÍN-BARBERO, 1996, p. 20, tradução nossa).

3 Comunicação Digital: conexão “com troca”?

Tratar da comunicação em tempos de multiconexão virtual importa-nos sobremaneira, e para isso nos apoiamos, neste momento, no trabalho do francês Dominique Wolton, principalmente no que trata de “salvar a comunicação” (WOLTON, 2006). Para o autor, assim como para Flusser (2013, p. 98)³ — e também para nós —, há uma grande diferença entre discurso e diálogo (que é como entendemos a comunicação), pois o discurso constitui um conglomerado de informações (que podem ser de tipo eletrônico/ digital); no entanto, se não houver possibilidade de troca, mesmo que seja com a linguagem da máquina, não se estabelece o diálogo e, portanto, não se dá a comunicação.

No duplo caminho representado pela (in)comunicação, no qual “O excesso de visualidade e audição gerado pelos veículos oferece [...] uma espécie de ocultação, uma máscara, que termina por recobrir o próprio fazer comunicativo.” (CITELLI, 2011, p. 192), coexistem os processos cada vez mais acelerados representados pela “[...] combinação de processamento de dados com a eletrônica e as telecomunicações.” (SODRÉ, 2014, p. 20). A comunicação assume aqui a configuração de uma “[...] forma de vida social ou um ecossistema tecnológico com valores humanos pautados pela realização eletrônica [...]” (SODRÉ, 2014, p. 20). Nesse “[...] ecossistema móvel, calcula-se que o número de dispositivos interativos (tablets, laptops, smartphones e netbooks) já supera o da população do planeta (sete bilhões de pessoas).” (SODRÉ, 2014, p. 20-21). O fenômeno tem sido considerado uma metamorfose antropológica e é denominado por alguns analistas como o “pós-humanismo” (SODRÉ, 2014, p. 20-21), que acreditamos incluir em seus domínios a desterritorialização geradora de nova materialidade no mundo ‘ciberfísico’, segundo apontam Azevedo e colaboradores (2014, p. 149, apud SOUZA, 2005⁴):

[...] esse mundo contempla e permeia várias mudanças na sociedade moderna, trazidas pela cibercultura. Inferimos que estamos diante de uma nova forma de produção social do espaço, na qual o tempo-real instantâneo é um tempo sem tempo e o novo dia a dia é destituído de espaço e matéria. A imagem-fluxo, a presentificação, a realidade virtual e as diversas possibilidades de comunicação no ciberespaço sugerem um novo ambiente: as cidades digitais. A realidade virtual que se apresenta no ciberespaço não é somente fruto de contemplação sensorial das imagens e troca de

³ Nas *Considerações finais* do presente artigo, retomamos esta marca do pensamento de Vilém Flusser — filósofo ensaísta, judeu tcheco, naturalizado brasileiro, que viveu no Brasil por 32 anos, tendo chegado ao país em 1940, fugindo da perseguição nazista.

⁴ Trata-se do livro *Comunicação, educação e novas tecnologias* (Rio de Janeiro: FAFIC, 2003), de Carlos Henrique Medeiros de Souza — professor da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) —, obra à qual não tivemos acesso direto.

informações, mas uma forma objetiva de ser da nova materialidade do arranjo social em redes de comunicação.

No cenário em projeção, o professor Norval Baitello Junior (2014), respaldado na perspectiva flusseriana, chama a atenção para “[...] o processo de perda crescente das três dimensões do espaço de comunicação do homem [...]”: a comunicação corporal — primeva e tridimensional — deu lugar, segundo ele, à comunicação por imagens — bidimensional —, a qual, por seu turno, fez ascender a escrita, caracterizada por traços unidimensionais. E no momento atual, a partir do advento da *nulodimensão*⁵, o homem inicia a reconstrução virtual das outras dimensões⁶ — explica o doutor em Comunicação pela Universidade Livre de Berlim, embasado em edições alemãs da obra de Vilém Flusser (BAITELLO JUNIOR; CONTRERA; MENEZES, 2005, grifo nosso; BAITELLO JUNIOR, 2014, ⁷). Surge a questão: “[...] essa redução drástica do espaço externo da comunicação, dos vínculos sociais, dos horizontes e das horizontais da sociabilidade [...]” corresponderia a “[...] uma redução dos nossos espaços internos de comunicação? ⁸” (BAITELLO JUNIOR, 2014, p. 10-11). Estaríamos, então, ao imergir na conexão todos-todos: a) ampliando os vínculos entre os seres humanos?; b) reduzindo-os?; ou, ainda, c) tecendo nova e híbrida maneira de nos comunicarmos no limiar do virtual-real? Essa última possibilidade parece ser a brecha pela qual os estudos de Comunicação podem contribuir para afastar alguns “[...] fantasmas da incomunicação [...]”, conforme os nomeia Baitello Junior (2014).

No ritmo cambiante da interconexão ubíqua que a todos nós perpassa, o encurtamento do tempo e o simultâneo encolhimento do espaço proporcionado pela mídia eletrônica fazem com que os acontecimentos situem-se sempre adiante da possibilidade de serem interpretados pelos indivíduos. Do mesmo modo, a profusão de tecnologias no meio social coloca-se “[...] à frente de sua interpretação pelas formas individuais e coletivas de consciência [...]” e, assim sendo, “[...] o futuro recai tecnologicamente sobre o presente, e este, por meio do tratamento digital das imagens, parece equivaler ao passado.” (SODRÉ, 2014, p. 76). Outra experiência espaço/temporal opera hoje, portanto, por intermédio da tecnologia eletrônica. Desse modo, “[...] não há tempo de recuo, nenhuma ‘espessura’ para refletir ou

⁵ A dimensão digital, sem nenhuma dimensão. Consultar também Araújo (2012) — referências completas ao final deste trabalho.

⁶ Para aprofundamento nessa questão, ver: BAITELLO JUNIOR (2014), pp. 87-88 e ss.

⁷ Trata-se de diversas obras em língua alemã, a saber: *Kommunikologie; Medienkultur; Vom Subjekt zum Projekt. Menschwerdung*.

⁸ Baitello Junior (2005, p. 11), acerca desse aspecto, pondera: “Se estiver ocorrendo esse temível estreitamento interno, estaremos diante de uma dupla manifestação dos efeitos devastadores da incomunicação. Estaremos cortando nossos vínculos conosco mesmos, vale dizer, estaremos rompendo nossos vínculos com nosso passado e nossas histórias, com o nosso futuro e os nossos sonhos. Mas, o que fica no lugar dos vínculos rompidos? Ficam os fantasmas dos vínculos. A eles é que damos o nome de ‘incomunicação’.”. Ver também, acerca do tema: Silva (2005).

especular [...]” e esta é “[...] a realidade com que tem de lidar a comunicação tecnológica, enquanto às clássicas ciências sociais se reserva um estatuto temporal [...], passível de interpretação e saber pela consciência (SODRÉ, 2014, p. 76-77).

Malgrado a tênue luz à entrada do novo túnel, algumas respostas para problemáticas postas em jogo pela crítica humanista apareceram mediante “[...] o próprio desenvolvimento técnico dos dispositivos de comunicação [...], como é o caso das técnicas interativas possibilitadas pela comunicação eletrônica.” (SODRÉ, 2014, p. 84-85). Tal comunicação, cujo símbolo máximo é representado pelas informações veiculadas por internet, “[...] veio oferecer oportunidades de uso autônomo pelos indivíduos dos mecanismos que eram antes supostos como dominadores” (SODRÉ, 2014, p. 84-85), em um cenário no qual uma realidade de mercado imersa na economia de serviços deixa entrever que

[...] o conceito de massa dá lugar ao de indivíduo: a mídia eletrônica não é ‘de massa coletiva’, e sim, de *indivíduos em massa*. O individualismo de massa não é aquele tradicional, em que o sujeito se definia como sozinho diante do mundo, e sim o indivíduo sozinho com o mundo dentro de si mesmo por efeito das tecnologias da comunicação. (SODRÉ, 2014, p. 295).

Dominique Wolton (2004, p. 30-31) sugerira, alguns anos antes, conceito afim: “sociedade individualista de massas”, na qual existe um preço a pagar pela “liberdade de ser e de conexão”. Uma vez difíceis os contatos reais, o indivíduo se torna ainda mais ‘interativo’ e cada vez mais tal procedimento revela-se uma ‘bola de neve’. Isto nos conduz, prossegue o autor, a entrever duas dimensões da comunicação em franca contradição: por um lado, a liberdade; por outro, “a dificuldade da relação autêntica com o outro” — ou em razão do esquivamento desse outro, ou porque ele impõe sua lógica. Haveria, portanto, “*conexão sem troca*”, pois “o outro se mantém ‘insolúvel’ na relação, não comparece”. A dinâmica comunicacional apresenta, por conseguinte, uma “[...] dupla hélice normativa e funcional: a chance do encontro e o risco do fracasso.” (WOLTON, 2006, p. 31, grifo nosso).

No quadro em análise, o objeto técnico (computador, celular, rede social via internet) desencadeia a mudança na esfera pública, como se fosse um “sujeito” autônomo. Entretanto, o que o valoriza “[...] não é o simples *ser moderno* ou *eficaz* [...]”, mas “[...] a sua inserção numa trama de relações intersubjetivas e dialéticas capaz de dar-lhe um curso transformador (SODRÉ, 2014, p. 299, grifo do autor). Entra em cena, desse modo, a reflexão diante da comunicação digital marcada pelos aparatos sociotécnicos ‘da vez’, a mediar as relações humanas já bastante transformadas por tais artefatos. Corazza (2012, p. 8) observa que hoje “[...] há um sujeito modificado para novos sensórios, não se tratando tanto e só dos meios,

mas de uma nova ambiência⁹.". Em que medida tal mudança impacta o ecossistema comunicativo, uma vez que altera tanto aspectos objetivos quanto subjetivos do viver contemporâneo? Que cursos tem seguido a Ciência — e os estudos de Comunicação propriamente ditos — diante do novo *sensorium* sobre o qual discorre Martín-Barbero (1996)?

4 A ciência no tempo/espço da comunicação digital

Conquanto o trabalho científico venha se colocando, sob pressão de organismos reguladores, cada vez mais a serviço da produção — como já alertava Milton Santos (2014) — cabe à universidade resgatar sentidos que fortaleçam sua luta por manter a função de representação da sociedade (CURY, 2008), mormente em meio às ‘tecnotransformações’ que influenciam, largamente, o espectro comunicacional hodierno. Cury (2008, p. 49) propõe que:

[...] os cientistas dela [a Universidade] oriundos devem levar aos cidadãos de sua sociedade a informação de maneira simples, acessível, capaz de transformá-los em inteligências associadas, já definidas por Pierre Lévy (1993¹⁰) como sendo a Inteligência Coletiva.

Os objetivos produtivistas e, portanto, de viés mais econômico, deveriam permanecer em segundo plano, de maneira a evitar que a ciência torne-se “tributária dos interesses da produção e dos produtos hegemônicos” e, assim, tenha de renunciar “a toda vocação de servir à sociedade”, dando lugar a uma fragmentação que acaba por tolher a potencialidade das disciplinas enquanto elementos de um processo inter e transdisciplinar. Tal potencialidade, no bojo de um ecossistema comunicativo pós-moderno, direcionado, conforme Martín-Barbero (1996), pelos novos modos de ser e estar no mundo, pode perder-se em função de um movimento no qual as distâncias/separações entre disciplinas persistem, engendradas pela evolução econômica que determina os rumos do conhecimento. O trabalho do cientista, nessa conjuntura, acaba por despojar-se de “[...] seu conteúdo teleológico [...]” e passa a “[...] ser feito segundo uma ótica puramente pragmática, para atender aos que pedem as pesquisas ou dirigem as instituições de ensino [...]” (SANTOS, 2014, p. 22).

A instituição universitária, vista por esse prisma, corroboraria o status a ela atribuído por Muniz Sodré (2014, p. 87), para quem (aproximadamente) “[...] desde o início do século XX, a universidade como um todo passou a ser mais uma gerente de questões teóricas do que

⁹ Consultar também, a esse respeito, o artigo *Mídias sociais digitais a partir da ideia mcluhaniana de medium-ambiência*, de Barichello e Carvalho (2013) — referências completas ao final deste trabalho.

¹⁰ LÉVY, Pierre. **Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na Era da Informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

um viveiro criativo de ideias.” Destarte, nesse pensamento talvez esteja uma das razões pelas quais António Nóvoa (2015, p. 269-270) argumenta que “[...] cada dia se publica mais [...]”, porém “[...] cada dia se lê menos [...]”. Face a “pressões cada vez maiores para impor uma cultura do produtivismo”, o que vemos é um ente recém-criado a assombrar a vida acadêmica, razão pela qual o educador enuncia um sonoro ‘não’ e sugere, ao mesmo tempo, um “movimento em favor de uma ‘ciência lenta’”¹¹.

Tal afluxo se constituiria “[...] parte de uma ação mais vasta contra as tendências empreendedoras, no sentido negativo do termo, que estão a destruir o tecido universitário.” (NÓVOA, 2015, p. 268). Há que se tentar, por conseguinte, definir rumos e novas responsabilidades que evitem a sujeição total da universidade tanto aos sistemas de pensamento estanques/reducionistas¹² quanto à tirania irrefletida das tecnologias de informação, conforme Cury (2008).

Não se trata, evidentemente, de recusar tais tecnologias, mas de redefinir essa nova responsabilidade, assim como a reestruturação de uma *comunidade de pensamento*, para a qual a fronteira entre pesquisa fundamental e pesquisa finalizada não esteja mais assegurada, pelo menos não nas mesmas condições em que se encontra ou se encontrava antes: uma comunidade de pensamento no sentido mais amplo possível, não somente de pesquisa, de ciência ou de filosofia. (CURY, 2008, p. 45, grifo nosso).

Assim, acrescenta Nóvoa (2015), “[...] o debate, o seminário e as comunidades de diálogo são elementos fundamentais da universidade”, na qual

[...] é necessário reconstruir uma cultura de debate e de crítica, marcada pela interação, pelo diálogo, pela leitura conjunta dos nossos trabalhos, pela capacidade de nos envolvermos numa conversa intelectual com os outros. Não podemos nos resignar perante a tirania dos números, perante dispositivos quantitativos de avaliação que estão a pôr em causa a criatividade e a liberdade. Precisamos reinventar a pesquisa como uma práxis aberta e colaborativa. (NÓVOA, 2015, p. 270).

Apenas formular questões não é o que importa exatamente, mas sim “[...] preparar-se para transformar a cena pedagógica, colocando-a em relação com as instituições em geral, com seu interior, e também com seu exterior.” (CURY, 2008, p. 45). No que diz respeito a uma

¹¹ Soa quase paradoxal pensar numa ciência lenta em um mundo conduzido por infinitas contingências a clamar pela aceleração do tempo, temática à qual se dedica de maneira especial o sociólogo e filósofo alemão Hartmut Rosa, em sua obra *Social Acceleration* (2013).

¹² A questão do produtivismo acadêmico, embora seja proposta como um incentivo à busca da excelência, envolve também, em certas circunstâncias, um risco pré-anunciado vinculado à possibilidade de se sacrificar o tempo e a qualidade da ciência. Delineia-se aí, um viés tanto quanto reducionista a minar o esforço acadêmico daqueles que veem, sim, problemas em utilizar métodos nada ortodoxos para alcançar altos índices de publicação e citação.

das brechas comunicacionais que nos interessam, renovar a cena pedagógica implica, de algum modo, a viabilidade de se ponderar, como o afirma Beatriz Cintra Martins (2014, p. 53), sobre “[...] uma distensão ou um afrouxamento da rarefação do discurso [...]” por intermédio da “[...] circulação muito mais polifônica de falas vindas de todos os estratos sociais [...]”. Estas vozes, reverberando nas múltiplas redes, permeiam, naturalmente, a relação ensino-aprendizagem no ambiente universitário, a qual tende, cada vez mais, a pautar-se pela construção coletiva do conhecimento, tal como nas “redes sociais cognitivas” mencionadas por Martins (2014, p. 54).

Nessas novas teias interativas, o ‘autor’ passa a ser “[...] coletivo, múltiplo e transindividual [...]” e a análise dos processos aí concretizados requer “[...] encarar a complexidade e o paradoxo da comunicação humana, presente em qualquer época e através de qualquer tipo de mediação [...]” (MARTINS, 2014, p. 54). Tal desafio exige fortalecer um movimento comunicacional específico no ambiente universitário, antecipado — embora em contexto um pouco diferente —, em Cury (2000): trata-se daquele que define novas responsabilidades da universidade diante das grandes transformações das últimas décadas, sobretudo no cenário de redes digitais, nas quais a conexão todos-todos capacita os indivíduos a se organizarem sem que para isso seja necessária a intermediação de instituições/organizações (SHIRKY, 2012). É mister, portanto, ainda segundo Cury (2000), que o meio acadêmico concentre-se na revisão de suas responsabilidades, não apenas no seu viés acadêmico, ou intrauniversitário — controladas pelas normas profundas e pelos programas que aí são analisados —, mas também no papel de redefinição de conceitos, quer seja por meio da desconstrução ou, de forma paulatina, trabalhando na recombinação e releitura dos conceitos não totalmente explicitados. Seria este o caso do que se denomina “comunicação digital”, no amplo espectro das Ciências da Comunicação e sua influência no universo das relações acadêmicas e extra-acadêmicas?

5 Comunicação Digital, sujeitos e perspectivas

Face à argumentação em curso, abrimos esta seção com algumas interrogativas: o que se denomina *comunicação digital*, no ecossistema comunicativo, poderia ser compreendido como contato dialógico em tempos de mídias digitais, ou seria igual a conexão? Conexão com troca? Interconexões entre homens e máquinas?

Nessa seara, acreditamos haver muitas outras possibilidades de entendimento conceitual, as quais podem ser apreciadas em diferentes trabalhos realizados no contexto da

cibercultura (mundo cibernético, ciberespaço) bem como no mundo das realidades virtuais do tempo presente. A seguir, buscamos algumas pistas capazes de nos ajudar a compreender melhor a relação entre os sujeitos individuais e coletivos e a comunicação enquanto diálogo possível e desejável.

Para Wolton (2004a, p. 380, grifo do autor),

[...] as novas técnicas de comunicação não resolvem a relação *indivíduo-massa* melhor que as mídias de massa, embora sejam constantemente apresentadas como solução para o ‘problema delicado de nossas sociedades: o da relação entre escala individual e escala coletiva’.

O diretor do Centro Nacional de Pesquisa Científica da França (CNRS) acredita que as técnicas de comunicação mais recentes não reequilibram a relação entre o indivíduo e o número¹³, “não modificam a problemática do ‘estar juntos’” (WOLTON, 2004a, p. 380), por isso não seriam a ‘pós-comunicação de massa’ aventada por alguns. Mais centradas no mercado do que em um projeto cultural, as técnicas novas apenas reuniriam “[...] os que *já falam* a mesma linguagem e pertencem à mesma cultura.” (WOLTON, 2004a, p. 380, grifo do autor). Lembrando que cultura, segundo Wolton (2004, p. 33),

[...] engloba todos os elementos do entorno tradicional ou contemporâneo que fazem possível situar-se no mundo, compreendê-lo parcialmente, viver nele e não se sentir ameaçado ou excluído.

No macroplano das relações humanas, é possível concordar com Wolton e mesmo conectá-lo à fala de Muniz Sodré, quando este, indagado por um estudante¹⁴ sobre como via as novas relações entre as pessoas pós-advento da internet, respondeu que não enxergava propriamente novas relações, mas sim reprodução do mundo exterior — do que já existia, portanto, anteriormente à rede cibernética. Contudo, em se tratando de universidade e produção compartilhada/coletiva do conhecimento, tende-se a verificar com maior frequência que, nessa instituição, com o auxílio das mais variadas tecnologias — as digitais inclusas — os diferentes reúnem-se para criar novas linguagens, ou novas relações entre linguagens, novos modos de perceber e entender o mundo e, principalmente, os fenômenos comunicacionais que nele afloram e tomam corpo. O próprio Wolton (2004a) aponta que experiências de naturezas diferentes mediatizadas por muitas técnicas afastam o risco de empobrecimento do processo educacional, sobretudo entre os jovens.

¹³ Dominique Wolton, ao utilizar a palavra *número*, refere-se à escala coletiva, à *massa*, em contraposição à escala individual. Sobre essa relação, o autor afirma que “[...] o problema principal hoje é menos o esmagamento do indivíduo pelo número do que o rasgo do laço social e a dessocialização.” (WOLTON, 2004a, p. 380).

¹⁴ Durante a mesa redonda Educomunicação – Protagonismos sem fronteiras, realizada na sede do SEPAC – Serviço à Pastoral da Comunicação (São Paulo), por ocasião do IV Encontro Brasileiro de Educomunicação (25 a 27 de outubro de 2012).

Para o sociólogo, as novas técnicas de comunicação reativam o debate sobre o que é a *experiência humana* — na realidade, “o contrário da comunicação midiática ou da internet”, assevera, pois “[...] ela exige tempo, não é nem comunicável nem reproduzível, resulta na maioria das vezes de fracassos e depende de fatores não dominados.” (WOLTON, 2004a, p. 393, grifo do autor). Da mesma forma que a identidade é uma construção, o resultado de um processo e não um dado, a experiência é o resultado de um trajeto, em direção oposta à instantaneidade da comunicação moderna. Encontramos ressonância, portanto, em Nóvoa, quando traz à sua discussão o *Slow Science Manifesto*, publicado em 2010, no qual se lê: “A ciência necessita de tempo para pensar, de tempo para ler e de tempo para falhar. A ciência nem sempre sabe o que está certo num determinado momento.” (NÓVOA, 2015, p. 268). “A experiência leva tempo, supõe um confronto com o mundo ou outrem, enquanto com as máquinas está-se diante do semelhante *mesmo*, ou da *performance*. É por isso, afinal, que se gosta delas, pois nos evitam o confronto com a alteridade.” (WOLTON, 2004a, p. 393, grifos do autor).

Não há modo, porém, — e nem é bom que exista — de eliminar totalmente o contato direto com o ‘outro’, esteja este no ambiente universitário, esteja em qualquer outro espaço de troca informativa. Vale recordar, também, que o amortecimento relacional representado pela situação de comunicação não presencial pode ser desejado pelos sujeitos do processo, quer para salvaguardar-se de constrangimentos pressupostos ou desnecessários, quer para manter ao menos uma ponte com o outro e não olvidar, definitivamente, alguns laços, — quer, ainda, para simplesmente agilizar o cotidiano, sem maiores traumas.

Conquanto às vezes desconfortável e/ou superficial, o encontro com a alteridade — presencial ou com o auxílio de aparatos tecnológicos — tem experimentado alargamento de escala que faculta, ainda assim, “[...] valorizar a experiência humana [...]”, para usar os termos de Wolton (2004a, p. 393). Engrandecer essa trajetória em espaços vivenciais, nos quais cada vez mais se tem a impressão de transitar sobre frágil película cuja ruptura pode representar inúmeros desconfortos — senão traumas —, requer observar de que maneira operamos, no plano comunicacional, a ressignificação e o compartilhamento da miríade de mensagens que nos atravessam diuturnamente.

Luís Mauro Sá Martino (2014, p. 245), ao revisitar a teoria de Sonia Livingstone sobre “a mediação de tudo”, discorre a respeito da importância da “[...] contínua negociação de significados entre as mensagens da mídia e sua presença no ‘mundo real’ dos indivíduos [...]”, gerando ressignificações que, com frequência, retornam ao mundo midiático, sobretudo nas

redes digitais. “A presença da mídia, nesse sentido, ‘transborda’ os meios e se articula com as práticas sociais [...]”, revalorizando a experiência humana por meio da reconstrução de sentidos aí operada — percebida, às vezes, como estilhaços advindos de frestas múltiplas do cotidiano (MARTINO, 2014, p. 245-246).

Essa dinâmica não é isenta de negociações e conflitos (MARTINO, 2014), mas é possível notar que mesmo conflituosa, superficial ou inquietante, vivifica ininterruptamente o encontro com o outro e, igualmente, ativa a discussão dos modos de interação resultantes da experiência humana — por exemplo, aquele vinculado à “pseudo-onipresença” digital e à ausência na concretude da vida.

[...] o jovem que anda na rua multiconectado poderá se revelar incapaz de dizer ‘bom dia’ ou ‘obrigado’ a quem cruzar com ele. Do mesmo modo, um adulto ‘livre’ e ‘moderno’ poderá ser incapaz de ouvir as palavras de indivíduos que não compartilham suas opiniões [...]. (WOLTON, 2006, p. 31).

Estar diante da possibilidade de conexão todos-todos, em tempo integral, exige novos saberes relativos a um espaço público que, se não é confundido com espaço midiático a reverberar preferências/lutas políticas, torna-se, no mínimo, lócus no qual se faz essencial observar “de onde falam uns e outros?”, conforme o mesmo Wolton (2006, p. 41). Olhos acadêmicos habituaram-se a levar em conta essa variável, porém o autor sugere mais:

Em face do intelectual ideólogo universal e do conselheiro científico ou filosófico, uma postura mais modesta, centrada no conhecimento e em suas dúvidas, será cada vez mais apreciada por públicos que não se iludem com os intelectuais tanto quanto não se iludem com as elites, os jornalistas ou os políticos. Se todos assistem à *mesma* realidade, os pontos de vista são diferentes, e *é esta* diferença de pontos de vista que se deve ter em mente. Na verdade, essa é a nova questão interessante [...]. (WOLTON, 2006, p. 53, grifos do autor).

Destarte, um intelectual ou um universitário, sem ser um supervulgarizador ou um supercomunicador, fornece sua parcela “[...] de conhecimento, de liberdade e de espírito crítico a um mundo aberto em que coabitam várias lógicas de interpretação [...]” (WOLTON, 2006, p. 53). Importa assumir, ainda na visão de Dominique Wolton, um comportamento duplo, por meio do qual se busque intervir no espaço público, a fim de que seja possível comunicar-se “[...] de maneira simples sobre assuntos que são necessariamente complexos [...]” e, igualmente, “[...] retirar-se do espaço público para trabalhar [...]” (WOLTON, 2006, p. 53-54).

Vale dizer que tal movimento representa a dinâmica daquele que, de tão habituado “[...] a viver em um espaço público midiaticado [...]” — e já quase sem consciência dele —,

resgata a percepção das “[...] mutações comunicacionais que a existência deste espaço supõe [...]” (WOLTON, 2006, p. 118). Reconhecer as profundas alterações no *modus comunicandi* operadas neste nosso século requer reflexões sobre a transição entre o que o estudioso chama de “identidade cultural refúgio” e “identidade cultural relacional”. A primeira caracteriza-se pelo recolhimento do indivíduo perante o que considera uma abertura ameaçadora, acompanhada, amiúde, de uma tentativa de se opor — às vezes, demonstrando hostilidade/recusa ao mundo. Já a identidade cultural relacional liga-se à capacidade de administrar a identidade própria (de indivíduo, de povo) e o elo com a comunidade exterior — a internacional, como propõe Wolton —, em direção a uma coabitação que englobe trocas e, ao mesmo tempo, um mínimo de distância. A proposta, portanto, seria “[...] circular de um espaço a outro e continuar sendo quem é [...]” (WOLTON, 2006, p. 53 e p. 154).

Minimizam-se, assim, os riscos dos contatos reais difíceis e mesmo o risco da solidão na “sociedade individualista de massas”, na qual podemos ser sozinhos e multiconectados no mesmo espaço-tempo (WOLTON, 2006, p. 233 e p. 30). Nossas “nati-idosas” relações com o outro e suas representações carecem, pois, de atenção redobrada diante do quadro — que envolve, também, o papel da universidade. Alain Touraine lembra que construir uma forma mais contemporânea de representar o indivíduo e a sociedade supõe, antes de qualquer coisa, que “[...] sejamos capazes de ver o que existe, de compreender os que falam, propõem e protestam, e aceitar seguir nossas experiências e observações [...]” mais do que “[...] as afirmações arbitrárias do discurso interpretativo dominante.” (TOURAINÉ, 2009, p. 33).

6 Considerações Finais

Enxergar modos de ver e entender o outro, a fim de construir relações colaborativas, marcadas pela afetividade, pelo amor àquele que não é “si mesmo” constitui-se desafio frente à predominância, em boa parte dos grupamentos humanos, das noções de competitividade e autocentrismo excessivo.

Permanece, assinala Vilém Flusser (2013) (face à disseminação ininterrupta de aparatos ‘tecnocomunicacionais’ alardeados como os mais modernos, e malgrado o funcionamento tão “perfeito” da comunicação atual, com seus multidispositivos), a dificuldade em se construir diálogos efetivos, geradores de novas informações. A onipresença dos discursos predominantes, na visão flusseriana, acaba por tornar (concomitantemente) impossível e desnecessário todo diálogo. E se este corre o risco de se tornar monólogo em

massa na sociedade cibernética, isso pode ter relação com uma assertiva central para o filósofo:

Pode-se afirmar, na verdade, que a comunicação só pode alcançar seu objetivo, a saber, superar a solidão e dar significado à vida, quando há um equilíbrio entre discurso e diálogo. Como hoje predomina o discurso, os homens sentem-se solitários, apesar da permanente ligação com as chamadas 'fontes de informação'. (FLUSSER, 2013, p. 98).

Dá inferimos que devam ser cuidadosas as afirmações acerca da comunicação digital no que diz respeito à larga promoção da tolerância, do entendimento, da partilha, pois, como observara Muniz Sodré (2014), a reprodução de determinadas práticas menos nobres acontece também pelas janelas digitais. É, pois, de conhecimento público que a inegável 'sobreampliação' do universo informacional, à disposição do sujeito nas trilhas digitais, caminha ao lado de discursos cuja maior preocupação é dividir territórios e poderes, demarcar "o nós e o eles", realimentar princípios de intolerância e reproduzir o discurso interpretativo dominante em seu entorno (FLUSSER, 2013, TOURAINE, 2009).

Wolton (2004a), Martín-Barbero (2009), bem como outros pesquisadores contemporâneos, propõem pensarmos as condições de recepção dos múltiplos discursos em trânsito no ecossistema comunicativo global. Para Wolton, não há teoria da comunicação sem uma problemática do receptor, que detém a capacidade de hierarquizar informações e deliberar sobre elas. Havemos de considerar, portanto, a necessidade de admitir a negociação — sobre a qual também discorreu Martino (2014) — assim como a premência de, em determinadas circunstâncias, lentificar o processo de comunicação, e não acelerá-lo, como se tem feito (WOLTON, 2004).

Dessa forma, talvez logremos entender com mais clareza por que o desenvolvimento e a imposição de mais e mais velozes interfaces digitais não parecem garantir que as pessoas estejam, de fato, comunicando-se na mesma proporção/intensidade. E esse estado de coisas, ao qual podemos nominar Incomunicação (BAITELLO JUNIOR, 2005; 2014; SILVA, 2005), acontece a despeito de que se evidencie, com frequência sempre maior, o "enxameamento" do qual os sujeitos são alvo (por parte de um vasto conjunto de entidades), configurando-se em *atores-rede*, conforme propõe Bruno Latour (2012, p. 75), em *prossumidores*, para empregar o termo criado por Alvin Toffler (depois repensado por outros autores, de acordo com as especificidades da comunicação), e/ou diversas outras proposições terminológicas.

A pressão exercida pelos inúmeros aparatos 'tecnocomunicativos' da contemporaneidade faz-nos ponderar, acompanhando mais uma vez o pensamento de

Wolton, sobre “os limites de uma modernidade apresentada como eficaz” que, no entanto, “[...] não impede a incomunicação, nem o fracasso, nem a solidão”, por uma razão simples: “[...] ser eu mesmo e livre não garante necessariamente encontrar o outro.” (WOLTON, 2006, p. 31). Encontrar o outro e com ele *dialogar de fato* requer lembrar, antes de qualquer discurso que se deseje ver transformado em diálogo, que “comunicação é amor” (WOLTON, 2015) — amor pelo outro e pela comunicação, o duplo *leitmotiv* deste ensaio.

Agradecimentos

Aos alunos dos cursos de Relações Públicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), Publicidade e Propaganda (PP/USP) e Design (FAU/USP), integrantes da turma ECA-2015 de Teoria e Método de Pesquisa em Comunicação¹⁵ (CCA0277-2-05) que, ao encarar o desafio de produzir coletivamente um trabalho sobre *A interface digital como mediadora da ação comunicativa humana*, contribuíram de maneira especial para as reflexões desenvolvidas neste texto.

Referências

- ARAÚJO, Marlson Assis de. A ecologia flusseriana da Comunicação: ideias e conceitos-chave. **Intercom, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 373-396, dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-58442012000200019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 nov. 2016.
- AZEVEDO, Jefferson Cabral et al. Ciberdependência: o papel das emoções na dependência de tecnologias digitais. **Texto Livre**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.17851/1983-3652.7.2.148-161>>. Acesso em: 14 ago. 2015.
- BAITELLO JUNIOR, Norval; CONTRERA, Malena Segura; MENEZES, José Eugênio de O (Orgs.). **Os meios da incomunicação**. São Paulo: Annablume; CISC, 2005.
- BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia**: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014.
- BARICHELLO, Eugenia; CARVALHO, Luciana. Mídias sociais digitais a partir da ideia mcluhaniana de medium-ambiência. **Matrizes: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo**, São Paulo, ano 7, n. 1, jan./jun. 2013, p. 235-246.
- BUBER, Martin. **Yo y tú**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1969.

¹⁵ Disciplina ministrada no primeiro semestre de 2015, pela professora Dra. Lucilene Cury, tendo como estagiária no âmbito do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE) a coautora deste trabalho (e participe do processo de produção coletiva dos alunos), Sandra Pereira Falcão, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP.

CITELLI, Adilson. Ensino a distância na perspectiva dos diálogos com a comunicação. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 8, n. 22, p. 187-209, jul. 2011.

CORAZZA, Helena. Miatização e mudanças no processo educativo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35, 2012, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: UNIFOR, 2012.

CURY, Lucilene. Reflexões a respeito do papel da universidade face à tecnociência. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 23, 2000, Manaus. **Anais...** Manaus: 2000.

CURY, Lucilene. **O dilema da pesquisa**. São Paulo: EDUSP, 2008.

CURY, Lucilene; AZAMBUJA, Marcos Jolbert Cáceres; FELÍCIO, Maurício Cruz. Comunicação ou conexão? **Revista GeMinis**, São Carlos, v. 6, n. 1, 2015. Disponível em: <<http://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/230/0>>. Acesso em: 9 nov. 2016.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**. São Paulo: Cosac-Naify, 2013.

LATOURE, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: Edufba, 2012.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Heredando el Futuro. Pensar la Educación desde la Comunicación. **Nómadas**. Bogotá, n. 5, p. 10-22, 1996.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações** - comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais**: linguagens, ambientes e redes. Petrópolis: Vozes, 2014.

MARTINS, Beatriz Cintra. **Autoria em rede**: os novos processos autorais através das redes eletrônicas. Rio de Janeiro: Mauad, 2014.

MORIN, Edgar. **O método VI: ética**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

NÓVOA, António. Em busca de liberdade nas universidades: para que serve a pesquisa em Educação? **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 263-277, jan./mar. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022015000100263&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 ago. 2015.

ROSA, Hartmut. **Social acceleration**: a new theory of modernity. New York: Columbia University, 2013.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. São Paulo: EDUSP, 2014.

SHIRKY, Clay. **Lá vem todo mundo** – o poder de organizar sem organizações. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SILVA, Maurício Ribeiro. Os caminhos da incomunicação. In: BAITELLO JUNIOR, Norval; CONTRERA, Malena Segura; MENEZES, José Eugênio de O. (Orgs.) **Os meios da incomunicação**. São Paulo: Annablume; CISC, 2005.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014.

TOURAINÉ, Alain. **Pensar outramente**. Petrópolis: Vozes, 2009.

WEIL, Pierre. A normose informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 61-70, Ago. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a08v29n2>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?** Uma Teoria Crítica das novas Mídias. Porto Alegre: Sulina, 2003.

WOLTON, Dominique. **La otra mundialización**: los desafíos de la cohabitación cultural global. Barcelona: Gedisa, 2004.

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Tradução Zélia Leal Adghirni. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004a.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. Tradução Vanise Pereira Dresch. São Paulo: Paulus, 2006.

WOLTON, Dominique. Aula Magna de Pós-Graduação com Dominique Wolton. Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 18 mar. 2015.

Communication / Digital Communication - an analysis related to the *being together* in the contemporary world.

Abstract

This article discusses communicative thinking interfaces in the dual-axis Communication – Digital Communication. The theoretical background entails a analysis of the related implications of the *being together* in the contemporary world, such as the intensive use of the digital technologies, the receiver problematic, the otherness issue in the communicative ecosystem and the role of the university in this context. The conclusive aspects point out that attention to the limiting factors of the modern communication process is necessary, due to the fact that we aggregate the uninterrupted pressure of the increasingly faster digital interfaces to it which, however, has not been able to prevent the incommunication of the multiconnected individual.

Keywords

Digital communication. Otherness. Multi-connection.
Incommunication. University.

Recebido em 26/09/2015

Aceito em 15/12/2016

Copyright (c) 2017 Lucilene Cury, Sandra Pereira Falcão. Creative Commons License. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.

